Mulheres pentecostais no Brasil: uma leitura a partir do Jesus dos evangelhos

Liniker Xavier[1]

Resumo

Os evangelhos apresentam um Jesus que, em contato com as mulheres, as convidava a fazer teologia e a participar de um segmento de libertação que as colocava como protagonistas. Jesus visibiliza o papel e os dramas por elas enfrentados, tocando enfermas intocáveis, dialogando com estrangeiras e as pondo à serviço de sua missão mesmo em detrimento dos homens. Essa afinidade, observada à luz das relações de gênero, permite-nos fazer leituras a partir da realidade observada hoje no Brasil. Vamos então levantar suspeitas que poderão ser desdobradas em novos estudos sobre a identidade da mulher inserida nos movimentos das igrejas pentecostais.

Palavras-chave: Mulheres. Pentecostalismo. Violência. Fundamentalismo.

Introdução

Os encontros de Jesus com as mulheres e a sua forma de relacionar-se com elas deixa clara uma das suas bandeiras na pregação do Reino de Deus: a luta contra as estruturas que as oprimiam e as diminuíam, comprometendo a sua dignidade. Nos evangelhos, muitas das histórias são compostas por várias figuras femininas que aparecem nas parábolas contadas por Jesus. Elas aparecem na parábola das dez virgens e também na da dracma perdida. Ao falar da oferta da viúva, uma mulher duplamente em desvantagem, Jesus eleva o status dela e a coloca acima de muitos, trazendo-a como modelo para homens e mulheres.

A relação que Jesus mantém com as mulheres é diferenciada, especialmente, quando comparamos os relatos evangélicos com o comportamento machista, patriarcal e androcêntrico daquela sociedade. Desde o início do ministério

[1] Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). É mestre em Teologia pela UNICAP. Possui graduação em comunicação social com habilitação em jornalismo pelo Centro Universitário Joaquim Nabuco. É membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações, da UNICAP. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Contato: linikerxavier@gmail.com.

de Jesus, as mulheres demonstraram uma sensibilidade especial com sua causa. O próprio Jesus dá prioridade a elas em uma série de episódios.

Na via dolorosa, uma multidão de mulheres segue Jesus "batendo no peito e se lamentando por ele" (Lc 23,48). Aos pés da cruz, Cristo está cercado por mulheres. Abandonado por seus discípulos, Jesus contou com as mulheres ao seu lado. Até mesmo a mulher de Pilatos torna-se uma figura emblemática ao interceder por Jesus, chamando-o de justo. É interessante notar que Jesus não somente deixa-se ver primeiramente pelas mulheres após sua ressureição, como também pede que elas anunciem a boa nova. Sendo que na lei judaica, o testemunho das mulheres não tinha validade.

Não havia um filtro imposto por Jesus para escolher as mulheres com quem convivia. Pecadoras públicas eram recebidas por ele também de forma pública e tinham a sua dignidade restaurada enquanto pessoa humana. Um trabalho de resgate que oportunizava a estas, especialmente as pecadoras, a retomada da vida comunitária.

O movimento pentecostal nasce a partir dos relatos evangélicos e tem o seu evento-fundante relacionado ao capítulo dois do livro dos Atos dos Apóstolos, com a descida do Espírito Santo. O texto é emblemático porque tem a alteridade como marca distintiva. São pessoas diferentes umas das outras que estavam todas reunidas em um mesmo lugar, em concordância. Todos foram cheios do Espírito Santo. Há, portanto, um movimento em direção da superação das diferenças econômicas, sociais, políticas e, claro, de gênero.

O pentecostalismo vive a partir de uma hermenêutica sem complexidades ou excessivas reflexões. Conforme afirma Menzies (2016, p. 22), é uma hermenêutica direta e simples onde as histórias dos Atos dos Apóstolos facilmente se identificam às histórias dos fiéis. O pentecostalismo é antimoderno não como militância, mas como vivência (SIQUEIRA, 2018, p.44). Apesar disso, o movimento nunca foi homogêneo, sempre marcado pelas muitas diferenças internas (MARIANO, 1999, p.23).

É absolutamente comum que a fé pentecostal abrace o marginalizado justamente por sua hermenêutica simples e direta, ainda que o movimento possibilite que falemos de pentecostalismos, no plural. Contudo, é sempre

importante observar que, na prática, as raízes inclusivas do pentecostalismo não poucas vezes aparecem em segundo plano. O feminismo, por exemplo, é ainda um tabu dentro das grandes denominações pentecostais brasileiras e permanece sendo demonizado. Ao mesmo tempo, o movimento é formado majoritariamente pelas mulheres. São igrejas repletas de negros, mas que não discutem o racismo. Repletas de mulheres, mas demonizam o feminismo.

1. Números: a mulher pentecostal brasileira e a violência

Os últimos dados oficiais acerca da religião no Brasil estão no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. Os números apontam que, naquele Censo, 23,4 milhões de mulheres se autodeclaravam evangélicas. Os homens eram 18,7. No pentecostalismo, eram 14 milhões de mulheres e 11,2 milhões de homens. Se fizermos um recorte por denominação e analisarmos somente a Assembleia de Deus, maior denominação pentecostal do país, teremos 6,7 milhões de mulheres e 5,5 milhões de homens. A título de comparação, no grupo de fiéis que se autodeclaravam da Igreja Católica Apostólica Romana, 62 milhões eram mulheres e 61,1 milhões eram homens. Dentro do ambiente evangélico, os números relacionados ao gênero são mais desproporcionais. Observa-se um número muito maior de mulheres que o de homens, quando comparados a outras religiões.

Se fazemos um recorte por cor ou raça, conforme a nomenclatura adota pelo IBGE, observamos que 12,5 milhões das mulheres evangélicas se autodeclaravam pretas ou pardas. As brancas eram 10,5 milhões. Dentro do grupo de evangélicos, as pentecostais pretas e pardas eram 8 milhões, enquanto 5,8 delas se autodeclaravam brancas.

Uma pesquisa Datafolha divulgada em janeiro de 2020 deu rosto ao evangélico brasileiro: é uma face feminina e negra. A pesquisa apontou que 31% da população brasileira era evangélica em janeiro de 2020. Destes, 58% são mulheres. No catolicismo romano, o número de mulheres cai para 51%. Nas igrejas neopentecostais, o número de mulheres salta para 69%. A pesquisa Datafolha ainda apontava que 59% dos evangélicos eram pretos ou pardos.

As mulheres negras não são maioria apenas nas igrejas. Lamentavelmente, elas são também as maiores vítimas de violência no Brasil. Dados levantados pelo G1, o portal de notícias do Grupo Globo, apontavam que 75% das mulheres assassinadas no primeiro semestre de 2020 no Brasil eram negras. No caso dos feminicídios, as mulheres negras representam 60% do total. O 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em outubro de 2020, aponta que durante os meses de isolamento social provocados pela pandemia da COVID-19, caíram os registros presenciais nas delegacias de casos relacionados à violência contra a mulher, mas aumentaram os pedidos de socorro pelo 190, os acionamentos da Polícia Militar.

Há que se levar em consideração que, no Brasil, as mulheres pretas e pardas são alvos de violência de forma mais frequente e flagrante quando comparados a outros grupos. Há que se pensar também que as igrejas pentecostais e neopentecostais são formadas, em sua maioria, por mulheres negras. Nossa suspeita vai no sentido de investigar e proporcionar ambiente para a pesquisa que analise dados e encontre as relações entre as mulheres negras pentecostais e a violência. Essa relação da mulher negra e religiosa com a violência torna-se ainda mais relevante se levarmos em consideração que a violência física é somente um entre outros muitos tipos de comportamento que são tão danosos e violentos quanto uma agressão física. Estamos falando sobre uma cultura de violência, que violenta mesmo quando não bate, incluindo-se aí as agressões psicológicas, patrimoniais, estruturais, morais, simbólicas.

2 Por uma teologia que as liberte do fundamentalismo

Passo a admitir neste ensaio que, a nível de Brasil, um país historicamente marcado por muitos processos de exclusão, em muitos níveis e camadas, a teologia precisa adotar um perfil libertador que ajude aos povos e comunidades a compreenderem que as vítimas não tem culpa de participarem deste processo de diminuição dos valores humanos. O exemplo de Jesus é fundamental para que o pobre brasileiro – neste caso específico, a mulher negra brasileira – compreenda que o fato de a vítima ser crucificada não necessariamente significa que ela seja culpada e que a morte de Jesus – inocente e na cruz – denuncia e desmascara

estes ciclos de violência. Assim, somos convidados a pensar a teologia enquanto contextual e local. Uma teologia com rosto, mente e coração.

Jesus fez teologia ao refletir acerca do contexto de sua época e nos convida ao mesmo, à reflexão, aqui e agora, em um Brasil de muitas cores, de diferentes rostos e de distintas realidades. A teologia tem a missão de proporcionar uma comunidade baseada na alteridade e diversidade, como o Espírito proporcionou no texto de Atos 2: superação de diferenças de gênero, econômicas e sociais. Pluralidade cultural, diversidade de vozes. Alteridade na comunidade. Sempre partindo da valorização dos últimos, das menores. Em um país onde negros e mulheres sofrem violências em uma escala maximizada quando comparados a homens e brancos, proporcionar uma teologia que fale em igualdade de direitos é promover a injustiça. Precisamos falar, sim, em equidade. Dar mais a quem tem menos e menos a quem tem mais. É a promoção de uma teologia que permita a fala das excluídos. E, principalmente, que entenda o momento de silenciar para ouvir, sem ruídos. Quem melhor pode falar sobre a sua própria situação é o pobre, é a mulher, é o negro. É também trabalho teológico proporcionar ambientes de fala. Somente assim são iniciados processos de libertação saudáveis, espaços de diálogos libertadores e a promoção da partilha.

Uma leitura fundamentalista dos textos bíblicos acaba por promover uma teologia fundamentalista. Aqui, concordamos com Tillich quando este afirma que a leitura fundamentalista faz com que uma verdade teológica de ontem seja defendida como uma mensagem imutável "contra a verdade teológica de hoje e amanhã" (2014, p. 21).

> O fundamentalismo deixa de entrar em contato com a situação presente, não porque fale desde além de qualquer situação, mas porque fala desde uma situação do passado. Eleva algo finito e transitório a uma validez infinita e eterna. Neste sentido, o fundamentalismo possuí traços demoníacos. Ele destrói a humilde honestidade da busca pela verdade, cria em seus seguidores pensativos uma crise de consciência e os torna fanáticos, porque são forçados a suprimir elementos da verdade dos quais têm consciência, mesmo que vaga (TILLICH, 2014, p.21).

O fundamentalismo é um esforço para restaurar a certeza ameaçada (BERGER, 2017, p.34). Essa certeza surge a partir da modernidade. Com o aumento

das possibilidades para a escolha do indivíduo, fenômeno produzido pelo pluralismo, os estratos sociais, que viviam uma situação de conforto dentro de um determinado contexto, passam a adotar práticas fundamentalistas na tentativa de sufocar a pluralidade e retornar a sua verdade tida como absoluta, única possível. As mulheres, especialmente as negras, veem-se mergulhadas em fundamentalismo(s) – no plural, porque, de fato, há muitos fundamentalismos, em muitos níveis, e elas são vítimas mais de uma vez – a partir do momento em que a existência delas ameaça a existência de um sistema machista, patriarcal e androcêntrico.

Na religião, este movimento ganha contornos dramáticos e perigosos, temas impossíveis de serem esgotados em uma comunicação. O que fazemos aqui é levantar suspeitas que podem despertar investigações. No entanto, está claro que os sistemas religiosos conseguem agregar em suas comunidades um grande número de pessoas inseridas em grupos marginalizados ao mesmo tempo em que ainda caminham a passos lentos –isso quando caminham – quando o assunto é a pluralidade e a promoção de espaços de libertação para estes grupos. Em contra partida, estes sistemas religiosos produzem discursos fundamentalistas para tentar retornar ao formato que outrora já foi absoluto dentro das igrejas. Algumas características do fundamentalismo religioso são notáveis, como por exemplo fazer uso de pretensões religiosas como base para a identidade comunitária e pessoal, o apelo às massas, a demonização dos seus inimigos e o uso de uma escatologia dramática, conforme apontam Marty e Appleby (1991, p. 818).

Considerações finais

Mulheres negras são as que mais sofrem agressões e violências no Brasil. Elas são maioria dentro do pentecostalismo e neopentecostalismo, espaços religiosos onde as discussões feministas são rejeitadas. Sem dúvidas é possível que existam exceções, mas quando falamos da religião orientada para a igreja, aquela institucionalizada, o feminismo desaparece e, muitas vezes, é demonizado a

partir do uso de um discurso teológico fundamentalista e diferente do comportamento do Jesus dos evangelhos.

Especialmente em um contexto onde as violências põem em risco a vida de seres humanos e mata milhares de mulheres, é preciso ressaltar a dimensão política da fé e o caráter espiritual das lutas populares que estão no enfrentamento dos movimentos fundamentalistas. A ferida aberta quando mulheres negras são violadas, violentadas, agredidas e assassinadas, é aberta em toda a sociedade. É necessário deixar que elas denunciem e falem, promover espaços de escuta e trabalhar pela erradicação urgente deste mal. É dever teológico trabalhar nesta promoção, especialmente quando os sistemas religiosos terminam por reforçar práticas de violência a partir de discursos fundamentalistas.

O evangelho de Jesus é boa notícia para o pobre, para o marginalizado, para os oprimidos, para os pequenos. É boa notícia para a mulher negra. Esse mesmo evangelho é, no entanto, má notícia para os poderosos e opressores. Essa lógica não pode ser invertida. Se o evangelho passa a ser terror para os pequenos de Deus e afaga os sistemas dos grandes, está pervertida a pregação de Jesus. Afinal, Deus não está acima de todos, ele está no meio do povo.

Referências

BERGER, Peter Ludwig. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

G1. **Mulheres negras são as principais vítimas de homicídios; já as brancas compõem quase metade dos casos de lesão corporal e estupro**. Disponível em: https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/mulheres-negras-sao-as-principais-vitimas-de-homicidios-ja-as-brancas-compoem-quase-metade-dos-casos-de-lesao-corporal-e-estupro.ghtml. Acesso em: 01 de outubro de 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro**: IBGE, 2012.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTY, Martin E.; APPLEBY, R. Scott. **Fundamentalism Observed**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

MENZIES, Robert P. **Pentecostes**: esta história é a nossa história. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. **Revestidos de Poder**: uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2014.